Red Hat prioriza Brasil para expandir Linux
André Borges

Alex Pinchev diz que não tem medo de espíritos, nem acredita em coisas de outro mundo. Mas há um ano, sua companhia valeu-se de expedientes um tanto sombrios para se referir à sua maior rival, a Novell, que teria "vendido a alma" para a Microsoft ao fechar um acordo em torno de seus sistemas operacionais.

Hoje, o russo Pinchev, o segundo homem no comando global da Red Hat - uma das maiores distribuidoras de Linux em todo mundo -, prefere uma abordagem mais prática: "Não acredito em almas, acredito em clientes."

Pinchev tem boas razões para pensar assim. A americana Red Hat, desde sua fundação em 1993, viveu céus e infernos até chegar à liderança do time de defensores dos sistemas de código aberto, o chamado software livre. Esses programas - diferentemente de produtos proprietários, como o Windows e o Office, da Microsoft - são distribuídos gratuitamente e tem código aberto, o que significa que pode ser alterado por qualquer programador.

O negócio da Red Hat é incentivar a adoção desses sistemas pelas empresas. Embora os programas sejam gratuitos - o cliente pode baixá-los via internet -, a Red Hat ganha dinheiro com a oferta de serviços de adaptação e aprimoramento de recursos, além de oferecer suporte e manutenção em casos de pane.

O que enfureceu os diretores da companhia, um ano atrás, foi o anúncio de que a sua concorrente Novell tinha se rendido à Microsoft e fechado um acordo para que os sistemas operacionais Linux e Windows pudessem rodar numa mesma máquina, simultaneamente. Mais moderado, Pinchev diz que não mudou de opinião. "Se você pensar no que levou a Microsoft a procurar essa parceria, verá claramente que ela também queria fazer parte dos negócios baseados em Linux; é simples assim", disse ao Valor.

Hoje, os números sopram a favor da Red Hat, uma empresa que chegou a cambalear em 2002. Quando lançou suas ações na bolsa de Nova York, no fim de 1999, seus papéis superaram a marca dos US$ 100. Dois anos depois, minguavam abaixo dos US$ 5, período em que a companhia amargou um prejuízo de US$ 140 milhões.

Pinchev chegou à empresa em 2003, durante a fase aguda de reestruturação. A partir do ano seguinte, a Red Hat conseguiria voltar ao azul. Em seu ano fiscal 2008, encerrado em fevereiro, a companhia registrou receita de US$ 523 milhões e lucro líquido de US$ 76,7 milhões. "É uma de nossas melhores fases, por isso vamos ampliar negócios em países como o Brasil", disse o executivo, que ocupa a vice-presidência global da Red Hat e comanda as ações de venda.

Fatores como economia aquecida e oferta de mão-de-obra especializada em software de código aberto, diz ele, fazem do Brasil uma prioridade de investimento, ao lado de nações com Índia e China. Pinchev, no entanto, não detalha que investimento é esse. Hoje, a subsidiária da Red Hat tem 80 funcionários espalhados em escritórios de São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Rio de Janeiro. Em Brasília, há um time para atender projetos do governo. Nos próximos meses, a Red Hat quer ampliar suas revendas, chegando a outras cidades do país.

Há cinco anos, 92% dos negócios da empresa estavam concentrados nos Estados Unidos. Atualmente, os contratos fechados fora dos EUA já respondem por 45% do faturamento. "Em dois anos, o mercado internacional será nosso maior cliente."

A Red Hat não é a única a brigar por um quinhão do mercado de sistemas abertos. Há pouco mais de um ano, a Oracle surpreendeu o setor ao lançar um pacote de serviços e programas baseados em software aberto. Havia a expectativa de que a gigante comandada por Larry Ellison engolisse pequenas operações com a Red Hat. Não aconteceu. "No começo, ficamos preocupados", comentou Pinchev. "Mas a realidade é que ganhamos 15 mil clientes a cada trimestre."

Boa parte dos novos negócios da Red Hat tem origem nos sistemas da JBoss, companhia adquirida há dois anos, por US$ 350 milhões. Hoje com 2,2 mil funcionários, a Red Hat se mantém na briga pelo mercado de software aberto apoiada em parceiros como IBM, Dell, HP, Sun e a própria Oracle.

No Brasil, uma das prioridades é ampliar o uso de seus sistemas em computadores de mesa. Na maioria das empresas, o uso de programas como Linux ainda está restrito ao ambiente dos servidores, os computadores centrais da rede. "Não podemos esquecer que empresas também tem PCs", disse Pinchev, citando como exemplo a empresa de correios da Rússia, que acaba de substituir sistemas proprietários por Linux em mais de 450 mil computadores. "É o que estamos assistindo em vários países. Muitas pessoas estão infelizes com o Windows, da Microsoft."

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 15 maio 2008, Tecnologia&Telecom., p. B2

A utilização deste artigo é exclusiva